

Especial

JORNAL DA UNIVERSIDADE 20 ANOS

Ao chegar a 205 edições, a equipe do Jornal e seus enfoques seguem se transformando. Permanecem a busca pela qualidade do conteúdo e a valorização da reportagem.

TEXTOS ÂNIA CHALA, CAMILA SOUZA,
FELIPE EWALD E PAULA BARCELLOS
FOTOS FLÁVIO DUTRA E RICARDO ANDRADE



Juventude e experiência

“Eu estava em casa, desempregado, e meu amigo Clóvis Ott – já tinha trabalhado com ele na *Folha da Manhã* – me chamou para conversar”. Assim define o jornalista Ademar Vargas de Freitas como foi a sua entrada no JU. O ano era 1997 e a UFRGS fazia uma aposta na comunicação. Clóvis, experiente jornalista que desde 1991 trabalhava na Rádio da Universidade, foi chamado para atuar como editor-chefe do jornal por Maria Helena Weber (confira a entrevista na contracapa deste caderno), coordenadora de comunicação no início da gestão da reitora Wrana Panizzi. Para fazer o projeto gráfico e a diagramação foi convidado outro profissional com longa trajetória, Anibal Bendati, o qual passara por *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Dos dois jornalistas já falecidos restam as recordações de amigos como Ademar.

Quando chegou na redação, no oitavo andar do prédio da Reitoria, Ademar já acumulava 30 anos de jornalismo – permaneceu no JU por outros dez. Na época, já havia parado de fumar por conta de sua saúde. “Mas o Bendati e o Clóvis eram como vulcões, de tanto que fumavam!”, recorda. “Clóvis subia o lance de escada do sétimo para o oitavo andar bem devagarzinho”, lembra. Essa fragilidade, no entanto, não se refletia em sua personalidade. Quando Clóvis morreu, em um perfil, Ademar o descreve assim: “forte por fora, doce por dentro, um leonino que falava alto e gesticulava muito. Se não era para dizer, ele já tinha dito”.

Esse temperamento forte muitas vezes fez com que entrasse em choque com Bendati, que não tinha papas na língua. “Vivia brigando com o computador e com o scanner e soltava palavrões a todo momento”, relembra Juarez Fonseca, editor de cultura até 2004.

Perfil – De qualquer maneira, revela Ademar, o convívio entre as pessoas dentro da redação era bom. Para ele, o JU sempre contou com gente muito importante, interessante e capaz, o que dava certo status fazer parte da equipe: “Os colegas jornalistas sempre respeitaram muito o JU”.

Da passagem pela redação, algumas de suas recordações mais fortes são das coisas que deixou de fazer. Lembra de um entrevistado que disse que era preciso uma nova onda hippie. Lamenta não ter usado essa colocação, que muito o impressionou, no título da matéria. Outra vez, entrevistou Moacyr Scliar, que afirmou várias vezes durante a conversa: “eu sou o menino do Bom Fim”. “E eu não usei isso como título!



RICARDO ANDRADE/JU

lo! O jornalismo é muito de título. Se ele te pega, tu vais ler”, sustenta.

O mais marcante, porém, foi um perfil que não fez – “E foi o melhor de todos!”, assegura. Quem realizou a proeza foi Ivo Stigger, que atuou como editor-executivo por um período – também estiveram na posição, enquanto Clóvis foi editor-chefe, Renato Hoffmann, Vera Spolidoro e Ida Stigger. “O que aconteceu foi o seguinte: o Ivo identificou uma pessoa que podia render um bom perfil e fez o texto. Era uma ascensorista com uma história interessante, casualmente parecida com a da minha mãe. Deu uma grande repercussão, e todo mundo vinha me dizer: ‘Bah, Ademar, que maravilha!’”, diverte-se com seu infortúnio. O elogio equivocado se devia ao fato de Ademar ser praticamente o titular do perfil, gênero que desenvolveu de maneira intuitiva até se consolidar como seção fixa. “Eu sempre fui interessado pelo lado humano das pessoas”, reflete o jornalista.

Cultura – O tom humanizador do perfil – que, no projeto gráfico de Bendati, era publicado na contracapa – contrastava com o teor mais político e engajado do restante do JU, ainda que encontrasse eco nas páginas de cultura editadas por Juarez Fonseca. Este chega ao jornal por convite de Clóvis, que já o conhecia de alguns anos de profissão.

“Gostava muito de trabalhar no JU. Era um jornal que não tinha medo de ser pesado, massudo, com muito texto. Algumas pessoas não gostavam por causa disso, não era bonitinho, graficamente aberto. Ele era preto e branco num tempo em que os diários já eram coloridos. Mesmo assim, o projeto gráfico do Bendati ganhou o prêmio ARI [de 1998]!”, observa.

“Era um jornal que não tinha medo de ser pesado, massudo, com muito texto.”

Juarez Fonseca

Para Juarez, uma das originalidades do JU era o fato de ser standard – tamanho de jornais como a *Folha de São Paulo* e *O Globo*, maiores e

com dobra horizontal – num ambiente cheio de tabloides – medida de todos os diários do RS à época. Outro aspecto marcante era a plena liberdade: “Praticamente não tínhamos censura”, assegura. Quanto a isso, no entanto, não há unanimidade nos relatos. Há histórias, por exemplo, de episódios de repreensão aos jornalistas. Ademar afirma também que, em pautas indicadas pela administração central, havia ponderação: “A gente se perguntava o que a reitora ia pensar”.

Renovação – Quando José Carlos Ferraz Hennemann assume a reitoria, no final de 2004, inicia-se um grande ciclo de mudanças no JU. A então secretária de comunicação, Sandra de Deus, convida a jornalista Ânia Chala para assumir como editora-chefe – posto que ocupou até 2016. Da equipe antiga, permaneceram apenas Ademar e a repórter Jacira Cabral da Silveira, que hoje é também subeditora. Para marcar a nova fase, encomenda-se um novo projeto gráfico, do qual fica encarregado o jornalista Juliano Bruni.

Ele iniciou na diagramação ainda com o projeto antigo. “Depois de duas edições, o Bendati manda um e-mail irado, com termos chulos inclusive, me xingando que eu estava mexendo no projeto dele. Logo a coisa se resolveu, com a entrada do

novo projeto [em julho de 2005]”, lembra Juliano. Segundo ele, o novo visual foi se firmando aos poucos: “Eu cheguei com um monte de ideias, mas tive que acomodá-las à realidade, seja das pessoas, seja da estrutura”.

Ele conta que precisava convencer os integrantes da redação das mudanças que vinha fazendo. Foi necessária adaptação a uma nova cultura. Mais tarde, quando o JU diminuiu de tamanho – num dos muitos esforços de redução de custos – foi preciso encurtar os textos. “Com o Ademar, por exemplo, foi uma dificuldade, porque escrevia muito. Ele reduzia um pouco e o resto queria dar um jeito de acomodar na página. Aí tem todo um rebolado para lidar com isso”, brinca o jornalista e diagramador. Ademar confirma: “Sempre escrevi muito. Depois tenho que cortar demais. Sou o terror dos diagramadores!”.

Juliano constata que no JU gozava de certa liberdade, o que percebeu claramente apenas quando foi trabalhar em empresas comerciais. “Aí, finalmente fiquei em paz com meu período no Jornal, porque ficou claro que, no que eu consegui no momento, fiz da melhor forma possível. Quando nos colocam um limite, percebemos a liberdade de movimento que tínhamos”, ratifica. E arremata: “Foi um tempo bem bacana, tenho muito orgulho”.

Momentos de uma história

Desde a sua primeira tiragem, o JU apostou em um gênero irreverente e crítico: a **charge**. Em sua edição número um já estampava em sua capa uma ilustração de Edgar Vasquez, sobre os riscos que corria a universidade pública; ao abrir o jornal, a página dois trazia uma charge de Ricardo Machado, e a matéria de cultura vinha com uma grande ilustração do icônico Santiago. A influência do gênero no JU vem de Aníbal Bendati, chargista e também diagramador. Membro da Grafar (Grafistas Associados do Rio Grande do Sul), Bendati consolidou o espaço da segunda página para tal gênero – a partir de novembro de 1998. Até outubro de 2001, esse espaço foi exclusivo do diagramador. A partir de então, chargistas como Kayser, Juska, Moa e Santiago também passaram a contribuir. Apesar de estabelecidas na página dois, muitas matérias utilizavam-se das charges para ilustração, como a grande reportagem sobre os males do cigarro (novembro/1997), ilustrada por



Bendati. A editoria de cultura também dedicou matérias ao tema da charge: em julho de 1998, circulou um ensaio em homenagem a Sampaolo (julho/1998) com renomados chargistas; e, em outubro de 2002, saiu a retrospectiva *30 anos de humor e denúncia*.

Um dos componentes mais marcantes no que diz respeito à identidade do JU tem sido as **entrevistas**. Ocupando, normalmente, três páginas localizadas no centro da edição, as entrevistas traziam figuras importantes e levantavam questões pertinentes à época e à Universidade. Gerd Bornheim, filósofo e professor, foi o primeiro entrevistado e falou



sobre assuntos como globalização, arte, ciência, filosofia e política – temáticas que acabaram norteando as entrevistas que a sucederam. Bornheim continuou fazendo parte da trajetória do JU até setembro de 2002, ano de sua morte. Por sua notável participação e relevância, a edição daquele mês recebeu uma reportagem especial dedicada ao filósofo. Depois dele, nomes como Lya Luft, Eva Sopher e Luiz Osvaldo Leite também passaram pelas páginas 6, 7 e 8 do JU. Contudo, um entrevistado que merece destaque é José Saramago. Em abril de 1999, o prêmio nobel de literatura do ano anterior recebeu o título de doutor honoris causa da UFRGS. O JU fez uma matéria especial sobre o evento e também dedicou-lhe duas páginas com uma entrevista marcante, em que o escritor expressou ideias pessoais, falou sobre costumes, política e, é claro, literatura.

As diferentes **manifestações culturais e artísticas** sempre ocuparam as páginas do JU. Na edição de novembro de 1999, circulou um encarte especial do concurso literário de poemas, crônicas e romances *Os Douros Anônimos na Causa do Saber*, em que venceu o conto *A echarpe de Iã*, da servidora Rosângela de Mello. Com a presença do jornalista e crítico musical Juarez Fonseca, a editoria de cultura reservou, desde o início, ao menos duas páginas para discutir dramaturgia, artes visuais, literatura e música, tanto no ambiente da UFRGS como no restante do Brasil e do mundo. Até o ano de sua saída do periódico, em 2005, observa-se grande destaque para entrevistas com personalidades do cenário cultural do estado. Há a presença de Luiz Carlos Barbosa Lessa (novembro/1999), que comenta sobre a sobrevivência da memória e da cultura do gaúcho. É significativo o espaço que o JU concedeu para a discussão do tradicionalismo, como se nota nas edições de outubro de 2005 e agosto de 2015, em que foram debatidas as raízes dos conflitos entre os gaúchos e a identidade desse povo. O JU também contribuiu para promover artistas locais, como o regente Antônio Carlos Borges-Cunha, professor de composição do Instituto de Artes, que lançou, em 2000, o seu primeiro CD pelo Departamento de Difusão Cultural da UFRGS. Eventos como a Bienal do Mercosul e a Feira do Livro foram amplamente divulgados. A partir de 2005, passa-se a dar mais ênfase a eventos culturais que se formam na Universidade ou que tenham alguma ligação com ela. A programação cultural do Unimúsica e resenhas sobre os lançamentos da Editora da UFRGS passam a predominar nessa seção, que retrata as



contribuições da Universidade para o polo cultural e artístico de Porto Alegre. É comum encontrar reportagens que mostrem as atividades desenvolvidas na instituição. A literatura também é bastante presente, de forma que se ressaltam personalidades importantes, como Machado de Assis e Simões Lopes Neto. A cultura divulgada na música aproxima-se mais do erudito que do popular, realidade que sofre mudança: em abril de 2006, há a matéria sobre o público que consome rock; em 2015, reportagens que tratam sobre o samba e o carnaval refletem a pluralidade do país. A ligação entre cultura e resistência entra em vigor e perdura no JU, como se pode ver na edição de julho de 2015, que analisa a questão do turbante e a valorização da identidade negra. Ademais, o Jornal relatou problemas enfrentados pelo setor cultural. A perda de acervos nacionais foi debatida na edição de maio de 2007. Em 2008, a escassez de textos de crítica cultural na academia e na mídia também mereceu problematização.

Chegou devagar, meio sem querer, mas conquistou seu lugar até hoje nas páginas do JU. Segundo o jornalista Ademar Vargas de Freitas, precursor da ideia, o **Perfil** não estava previsto inicialmente como uma editoria, mas acabou se consolidando aos poucos. Na primeira edição, encontrava-se na última página uma matéria sobre a professora emérita Maria Marques. Entre idas e vindas, esse modelo seguiu até abril de 1998, quando apareceu pela primeira vez a palavra Perfil no topo da página; entretanto, só se tornou uma editoria fixa a partir de agosto do mesmo ano. Uma característica da seção nos seus primórdios foi o destaque a servidores negros da UFRGS. Em março de 1998, foi contada a história de Maria Conceição Fontoura, então diretora do Departamento de Serviço Social e retornado ao Estudante. Na sequência, figuraram no Perfil Dona Marina, do Departamento de



mento de Histologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (agosto/1999) e Antonio Carlos Amaral dos Santos, famoso no prédio da Reitoria como "Casquinha" (julho/2001). Entre professores, alunos e servidores da Universidade, surgem também figuras de destaque, como a artista visual Alice Soares (março/2002), o cartunista Santiago (junho/1999) e o jornalista Aníbal Bendati (jan-fev/2000), personagem importante na história do JU, responsável pelo planejamento gráfico e pela diagramação. Em abril de 2008, já com o novo projeto visual consolidado, o Perfil ganha a companhia do *Meu Lugar* – uma parceria com a UFRGS TV que busca mapear alunos, servidores, técnicos ou professores com fortes ligações com algum lugar dentro da Universidade. A inovação gerou grande interesse na comunidade, que passou a enviar sugestões e, dessa forma, tornou possível que a editoria contasse histórias significativas.

Durante o governo Fernando Henrique Cardoso, marcado por políticas neoliberais, foram onipresentes nas páginas do JU a questão da **defesa da universidade pública** – incluindo aí a manutenção da



gratuidade –, bem como o debate sobre o modelo de autonomia a ser regulamentado. Tais temáticas eram ventiladas em artigos de opinião, notícias e reportagens. Títulos como *Exterminando o futuro* e *A Universidade resiste* estampavam as páginas 3, 4 e 5 do JU na edição de abril de 1998, retratando os desafios que a instituição enfrentava. Além disso, grande parte das entrevistas eram feitas com figuras importantes, capazes de discutir esses tópicos, o que caracteriza o peso que estes tinham para o Jornal – e para a Universidade – na época. Uma entrevista a se destacar ocorreu em dezembro de 1998 com Jorge Brovetto, então reitor da Universidade de La República (Uruguai) e personagem relevante na defesa das universidades públicas. Assim constituiu-se a identidade do JU nos seus primeiros cinco anos, processo coroado com a grande cobertura dada à III Cumbre – Reunião de Reitores de Universidades Públicas Ibero-Americanas, inclusive com uma edição especial, em abril de 2002.

A **história da UFRGS** também foi tema de reportagens do JU que destacavam o resgate do patrimônio e de momentos inesquecíveis vivenciados por professores, servidores e estudantes. Exemplo disso é a reportagem publicada na edição de novembro/dezembro de 2009 sobre a primeira turma de Jornalismo formada na instituição após a obrigatoriedade do diploma (1968). O curso cresceu e inclusive mudou de localização. Funcionava, na época, no câmpus central junto à Filosofia e foi transferido, em 1970, para a rua Ramiro Barcelos. O contexto era de engajamento político, mas parte dos estudantes preocupava-se, principalmente, em trabalhar. Relatos de alunos dessa turma trazem reflexões, como o de Maria da Graça Fusquine: “Nossas trajetórias nos fizeram pessoas diferentes do que éramos naquela época”. Personalidades como Juarez Fonseca e Carlos Urbim compuseram aquele conjunto de jornalistas recém-formados.



Outro espaço consagrado ao resgate histórico foi a seção *Memória da UFRGS* – veiculada de janeiro de 2006 até dezembro de 2009, na página 2 –, que retrata, por meio de fotografias, episódios que marcaram a instituição e que descrevem a estrutura e o funcionamento da UFRGS no passado, como a localização de antigos prédios e a passeata dos calouros que incluía frases críticas ao sistema de ensino brasileiro nos anos 1960. Em julho de 2002, realizou-se uma edição especial sobre a recuperação de três prédios históricos que estavam sendo entregues à comunidade, quase três anos após o lançamento da campanha de restauração: a Rádio da Universidade, o Observatório Astronômico e o Museu da Universidade. A reportagem enfatiza sua importância para a comunidade, já que os prédios têm a função de preservar a memória social e cultural da cidade.

Em maio de 2003, o JU dedicou uma edição inteira à temática da **paz**. Trazia estampado na capa trecho de uma carta de Sigmund Freud a Einstein, em 1932: “Não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem; pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra”. A publicação veio à tona em um contexto de desdobramentos dos atentados de 11 de setembro de 2001, culminando na invasão do Iraque em março de 2003 – o que daria início a uma nova guerra. A edição procurou retratar, nas diferentes editoriais, ações e pessoas que se dedicavam a buscar a paz. A charge escolhida, característica da página dois, foi a ilustração de Santiago que ganhou o 1.º lugar no concurso pacifista *Guerra à Guerra*, da Sofia Press (Bulgária). Já nas páginas 10 e 11, a entrevista deu lugar a depoimentos de 119 alunos e servidores que responderam à pergunta: “O que é paz?”. Os artigos e reportagens abordavam desde a função acadêmica no combate à violência até a relação das religiões com a paz; uma página inteira foi dedicada a ilustrações de cartunistas com mensagens contra a guerra; por fim, o *Perfil*



trazia a história de Diza Gonzaga, que, após a morte do filho, criou a fundação Thiago de Moraes Gonzaga (Vida Urgente), trabalhando para diminuir as mortes no trânsito.

O tema **ciência**, hoje tão presente no JU, foi conquistando seu espaço em meio a um período predominantemente político. Antes de mais nada, o viés científico se faz presente por todo o Jornal, já que na seleção das fontes, privilegia-se a escolha de pesquisadores e professores da UFRGS. Como editoria, a amplitude de temas e assuntos pungentes se dá graças à característica da Universidade de desenvolver pesquisas inovadoras nos mais variados campos. Questões sobre a arqueologia, como uma matéria sobre a Pré-história do Rio Grande do Sul (janeiro-fevereiro/2002), pesquisas na agropecuária (março/2016) e etnomusicologia (dezembro/2016) refletem a diversidade que constitui a própria Universidade. Em 1999,



a edição de julho já abordava a polêmica discussão sobre os transgênicos; em janeiro-fevereiro de 2004, foi a vez de falar sobre as preocupantes mudanças climáticas – temática que reaparece em 2010. Outro assunto recorrente são as células-tronco, pauta de março de 2005, após a aprovação do projeto da Lei de Biossegurança, que reflete sobre as expectativas do tratamento de doenças como Alzheimer, Parkinson e diabetes. Com os avanços dos estudos no Brasil, a discussão reaparece em outubro de 2010. O JU sempre buscou também esclarecer assuntos pulsantes e atuais, como a construção da usina nuclear de Angra 3 – uma análise com pesquisadores da UFRGS (julho/2007) – e as divergências sobre as causas do aquecimento global (junho/2008). A ciência como temática não se restringe só à editoria específica, percorrendo também outros espaços da publicação. Em diferentes ocasiões, a seção *Especial* trouxe conteúdos como: explicações sobre uma infestação de erva-de-passarinho nas árvores de Porto Alegre (outubro/2005); o legado deixado por Darwin (abril/2008). A extinta seção *Debates* trouxe discussão sobre o real benefício do uso de biocombustíveis (junho/2007). Imagens da coleta de esponjas para uma pesquisa desenvolvida pela UFRGS em parceria com a Fundação Zoobotânica do RS foi o tema do *Ensaio* em janeiro-fevereiro/2008. Por fim, o Caderno JU de agosto de 2014 retrata a conquista de espaço da energia eólica.

Desde os primórdios, o JU abre espaços relevantes para a realização de **debates** e para o tratamento de **temas polêmicos**. A primeira reportagem especial, *Estado investe na indústria da morte*, de Valéria Ochoa, em novembro de 1997, teve como tema central o tabaco – e acabou sendo premiada. As quatro páginas evidenciam os investimentos do RS na indústria do cigarro, assim como dados revelando os malefícios do tabaco, manifestando a urgência de políticas públicas – que só viriam no ano seguinte, com o controle do tabagismo. Contudo, talvez uma das discussões mais inusitadas da história do Jornal se iniciou no mês seguinte. A mudança no título de um texto enviado pelo professor do Instituto de Letras Paulo Guedes por parte do então editor de cultura, Juarez Fonseca, fez com que aquele enviasse uma carta reclamando do ocorrido. As réplicas e trélicas acabaram por ser publicadas e só se encerraram em abril de 1998. Juarez diz não se ressentir: “Nós nunca tivemos pruridos de debater. O debate sempre foi uma coisa útil para discutir ideias. Era um professor da Universidade que estava se manifestando”. Após o resultado das eleições para governador

Em julho de 2007, o JU completava 100 edições. A publicação comemorativa foi a última em preto e branco, e anunciava na capa outra comemoração: a aprovação das **cotas raciais**. A partir do vestibular de 2008, 30% das vagas em todos os cursos de graduação seriam reservados para alunos vindos de escolas públicas e afrodescendentes. A matéria trazia a avaliação da comunidade acadêmica sobre as consequências da aprovação do projeto, além de disponibilizar todos os artigos presentes na resolução. O assunto foi acompanhado pelo Jornal desde junho de 2004, quando foi aberta a discussão sobre cotas. Em novembro de 2005, a seção *Debates* tratou do tema, abordando para que e para quem serviam as cotas raciais. Naquele momento, o projeto de estabelecimento de cotas para minorias étnico-raciais nas universidades públicas federais brasileiras já havia sido anunciado pelo Ministério da Educação, porém, até então, nenhuma ação havia sido tomada. No ano seguinte, em setembro, o JU também deu espaço para a cobertura do seminário sobre as ações afirmativas. O desfecho veio na 100.^a edição em forma de uma matéria especial sobre a aprovação das novas formas de ingresso. As discussões acerca do assunto, no entanto, não cessaram, assim como sua cobertura. Após a aprovação, o Jornal analisou os desdobramentos do Programa de Ações Afirmativas em uma matéria especial (setembro/2010). A publicação apontava o aumento em três

Na edição 78, de julho de 2005, inaugura-se o **novo projeto gráfico** do JU, criação do jornalista Juliano Bruni. Para a equipe que assumia o JU naquele momento, era preciso atualizar a imagem do veículo. O projeto original, de Anibal Bendati, ainda que bonito e bem acabado, na avaliação da equipe da época, tinha um visual que remetia aos anos 1970. A pretensão era que a diagramação se tornasse mais arejada: foi isso que guiou o rumo das alterações propostas. Na capa, o Jornal adquire um visual mais retilíneo, menos arredondado em relação à aparência anterior, seja pela ausência da borda, seja pelo nome no cabeçalho em apenas uma linha. As editorias ganham uma vinheta; novas seções são criadas – outras são reacomodadas, como o perfil, que deixou o lugar consagrado até ali, a contracapa, e foi para a parte interna. Outra razão para a necessidade de um novo projeto gráfico



A presença das **artes visuais** no JU é constante e significativa. Ao longo dos anos, o Jornal sempre teve uma preocupação em dar visibilidade tanto a produções artísticas criadas na Universidade quanto a artistas gaúchos. A Bienal do Mercosul é um dos acontecimentos que marcaram presença diversas vezes, sendo, inclusive, tema do *Especial* de novembro de 2009, com uma cobertura completa do evento. Além disso, a Fundação Iberê Camargo, assim como o próprio artista, foram pautas recorrentes. O JU acompanhou o início da construção do museu, às margens do Guaíba (julho-agosto/2003), falou sobre a catalogação de gravuras de Iberê, feita pela professora de artes visuais Mônica Zielinsky (março/2007), chegando até 2008, com uma reportagem sobre a inauguração do museu e os benefícios para a capital. Em dezembro de 2002, o JU produziu uma reportagem em homenagem ao artista porto-alegrense João Fahrion, ressaltando a sua temática favorita: a figura feminina. O artista também foi professor do Instituto de Artes – quando ainda se chamava Instituto de Bellas Artes. Sua importância para a Universidade é tão marcante que no prédio da Reitoria há uma sala – com afrescos seus na parede – que leva seu nome. Fahrion apareceu outras vezes nas páginas do Jornal, inclusive na matéria intitulada *Arte dos mestres* (junho/2011), que enaltece o legado de artistas que passaram pelo Instituto de Artes da UFRGS. Ainda no campo das artes visuais, a reportagem especial de junho de 2006 retratou um projeto de extensão que reunia grafiteiros e arquitetos, buscando a humanização do espaço público. Em março de 2013, o *Caderno JU* destaca as gravuras de artistas gaúchos reconhecidos nacionalmente, bem como suas biografias. Artistas do Grupo de Bagé, Pedro Weingärtner, Vera Chaves Barcellos e, novamente, Fahrion e Iberê Camargo foram alguns dos nomes presentes na matéria.



de 1998, a redação organizou uma mesa-redonda com professores da UFRGS para analisar tanto os motivos da vitória de Olívio Dutra sobre Britto quanto aspectos sobre as campanhas eleitorais, a dinâmica das alianças e também as perspectivas para o futuro do estado. O debate rendeu três páginas de opiniões na edição de novembro daquele ano. Já em 2005, pensando em como falar sobre os mais diferentes temas que causam discórdia na sociedade, o JU iniciou a seção *Debates*. Ali, eram expressas, em forma de artigos, as opiniões de dois especialistas sobre assuntos importantes para a cidadania. O primeiro tópico escolhido foi a corrupção (julho/2005) – temática que reaparece no Jornal também em setembro do mesmo ano, em forma de entrevista seguida de debate com docentes de diferentes áreas. No mês de agosto, após os atentados ocorridos na Inglaterra e no Egito, um cientista político e um psicólogo fizeram suas considerações acerca do tema terrorismo. Ainda passaram por ali assuntos como reforma política, desarmamento e cotas. Com a proposta de mudança na maioria penal, o *Caderno JU* de maio de 2015 trouxe um painel com especialistas no tema. Diferentes argumentos e opiniões apontavam os riscos da falta de informação.

vezes do índice de aprovação de autodeclarados negros. Dois anos depois, a capa estampava *Por mais inclusões*, anunciando a renovação do programa por mais 10 anos. Ao contrário de 2007, o apoio à política de cotas já era maior e as reuniões do Consum eram acompanhadas por ocupações, por parte dos estudantes, do prédio da Reitoria.

dizia respeito às mudanças na estrutura de produção do JU. Até aquele momento, as edições eram finalizadas fora da redação: o processamento final era feito pela CORAG, o que gerava gastos muito elevados. De fato, a readequação dos custos era uma demanda premente da nova gestão na Reitoria. Para isso, foi feito um investimento na Gráfica da UFRGS, que adquiriu uma máquina capaz de realizar a impressão. O tamanho do papel para esse novo maquinário era menor – ainda que o formato standard fosse mantido com toda a convicção. Assim, os textos que antes tinham até 12 mil caracteres não podiam passar de 8 mil (posteriormente, houve uma nova redução para evitar desperdício de papel, o que tirou mais mil caracteres das reportagens). O desenvolvimento do novo projeto gráfico chega ao ápice quando o JU passa a ter capa e contracapa coloridas. Num lance de sorte, isso ocorre na edição 101, de agosto e setembro de 2007, que apresentava fotografias marcantes da pauta em destaque sobre o aquecimento global. Neste ponto, segundo Juliano, o projeto e todas as novas dinâmicas que ele exige se acomodam. Chega-se à sintonia necessária entre o diagramador e o restante da equipe, construída com a convivência e a negociação que se desenrolam na redação.

Nos idos de 2012, tornou-se crescente a demanda por mais reportagens de ciência. Ao chegar à redação, a solicitação tomou novo rumo e foi desenvolvido o formato do **Caderno JU**. Em vez de uma ênfase em pautas de ciência, foi consenso na elaboração do projeto a preferência pela variação de temas a cada edição. A ideia era que o espaço de quatro páginas coloridas acrescidas ao Jornal – que passa a ter 20 páginas no total – desse força para um aprofundamento ainda maior em relação às reportagens especiais que circulavam nas páginas centrais até

As problemáticas envolvendo **populações do campo** seguidamente foram retratadas pelo *Jornal da Universidade*. As reportagens contam a história de vida dos entrevistados de uma forma sensível, expressando aquilo que havia de mais humano nas personagens: desde os percalços e desafios enfrentados até as maiores conquistas. Na edição de outubro de 2012, a reportagem especial *Expectativa na aldeia* trouxe a representatividade da mulher na cultura indígena, com a figura de Francisca, mãe que criou sozinha as filhas e as incentivou a estudarem. Denise, sua neta, foi a primeira aluna indígena a se formar na UFRGS, no curso de Enfermagem. Os valores da cultura Kaingang e a falta de estrutura nos postos de saúde na Terra Indígena Guarita mostram a necessidade de haver um melhor atendimento, que comporte mais médicos de origem indígena. Em maio de 2013, o *Caderno JU* *Questão da terra* deu espaço para que agricultores orgânicos e familiares que compõem o MST pudessem expressar seu modo de trabalho e as limitações desse método produtivo, que não ganha visibilidade suficiente na mídia. Figuras como Boca, produtor rural, contaram suas vivências e a importância desse tipo de agricultura, que é livre de pesticidas prejudiciais ao organismo. Ressaltou-se o papel do corpo docente e discente da UFRGS na elaboração de projetos de pesquisa para melhorar a produção dos assentados. No mês de setembro de 2014, o *Caderno JU* retratou a educação no campo, desmistificando as concepções predomi-



então. O acréscimo só foi possível por conta do maior número de bolsistas que passou a integrar a redação. Com projeto gráfico de Kleiton Semensatto da Costa, diagramador do JU de janeiro de 2012 a julho de 2016, o Caderno JU passa a ser publicado a partir da edição 152, de setembro de 2012, com o título *O lugar dos grandes mestres*. Com a temática da educação, o especial enaltece o professor como fundamental na formação profissional e humanística, através das histórias de grandes mestres da UFRGS – Graziema Pacheco (1910-1999), Ernani Maria Fiori (1914-1985), Gerd Alberto Bornheim (1929-2002) e Leônidas Xausa (1932-1998). Na edição de dezembro de 2012, o CadernoJU foi elaborado, pela primeira vez, pela equipe de bolsistas. A reportagem discutiu o principal paradoxo que cerca a Aids: ao mesmo tempo em que é mundial e sem cura, é também a doença dos outros, a doença de poucos. Ressaltaram-se o desafio de se construir novas abordagens e os esforços para conscientização e desmistificação acerca da Aids – com destaque para a presença de grupos de apoio como o GAPA. Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas iniciantes – afinal, era a primeira vez que faziam uma grande reportagem com uma abordagem jornalística aprofundada – a publicação cumpriu sua função.



nantes nos meios hegemônicos de que é na cidade onde se concentram as pessoas letradas e de que, no campo, é o estereótipo de Jeca Tatu que existe. O JU pontuou aspectos positivos dessa educação, como a pedagogia mais integradora. Ainda, ressaltaram-se as políticas governamentais nesse espaço e as demandas da população. O Jornal mostrou, em suas reportagens, a resistência e o orgulho que existe nessa área e enfatizou que o campo não é atrasado, como o senso comum tende a associar – ao contrário, engloba uma riqueza e diversidade únicas da região.

Ao longo dos anos, a Universidade recebeu **visitas marcantes** de pessoas das mais diferentes áreas do conhecimento que lotaram o Salão de Atos. Nas páginas do JU, estão registrados esses acontecimentos, seja com reportagens, seja com entrevistas exclusivas. Muitas dessas passagens ocorreram por conta da parceria da Universidade com o ciclo de debates *Fronteiras do Pensamento*. Em maio de 2010, o médico e cientista Miguel Nicolelis conversou com o JU sobre novas formas de pesquisa e o avanço da neurociência. No mês seguinte, foi a vez de Denis Mukwege, ginecologista do Congo que ajudou 30 mil mulheres vítimas de violência sexual duran-



te a guerra civil do país. Nomes como Mia Couto (dezembro/2012) e Pierre Lévy (agosto/2016) integram a lista de palestrantes trazidos pelo evento e entrevistados pelo JU. As Aulas Magnas proferidas por convidados ilustres também marcaram profundamente a Universidade. Assim como Saramago em 1999, Sebastião Salgado lotou o câmpus centro em 2014, e concedeu entrevista exclusiva ao Jornal, falando sobre seu trabalho com a fotografia (março/2014). Outro evento que sempre costuma atrair personagens reconhecidos é o Unimúsica. Em 2016, Maria Bethânia subiu ao palco do Salão de Atos e falou ao JU sobre sua carreira (junho/2016). Em seu aniversário de 80 anos, entre outras presenças ilustres, a Universidade recebeu Gilberto Gil, que deu uma aula-espetáculo e concedeu uma entrevista ao JU (maio/2014). Já a edição de outubro de 2014, teve a presença do ex-presidente uruguaio Pepe Mujica e do cientista social Boaventura de Souza Santos.

As diferenças não tornam as pessoas desiguais, mas ressaltam a **diversidade** que constitui o ser humano. O Jornal da Universidade, sensível à relevância que o debate em torno deste tema vem tomando nos últimos anos, discutiu sobre a naturalização das relações de poder e dos processos de dominação, abordando o preconceito étnico, religioso e de gênero em suas páginas.



Na edição de agosto de 2016, o caderno principal abordava a violência a estudantes indígenas, cotistas e mulheres na UFRGS, e o posicionamento da instituição perante esses acontecimentos. O JU problematizou esses comportamentos, enfatizando a importância da pluralidade. Em maio de 2017, o CadernoJU refletiu sobre a hierarquização do conhecimento acadêmico, em que predomina um histórico de hegemonia do conhecimento nas universidades. Foi apresentada a disciplina *Encontro de Saberes*, que promove a diversidade cultural e a escuta sensível. Na reportagem, o Jornal deu enfoque ao papel de negros e indígenas como protagonistas, ressaltando a necessidade da interculturalidade no ensino superior. A nova realidade que se configurou com as cotas é esmiuçada pelo JU e, por meio das fontes entrevistadas, sustenta-se o desenvolvimento de uma universidade que não ignore as diversas formas de conhecimento e de realidade do mundo. Na edição de dezembro de 2016, a reportagem sobre religiosidade na Universidade rompeu com a ideia de que fé e razão são indissociáveis. Nessa mesma edição, outra reportagem analisou os preconceitos em relação a práticas musicais distintas. O Jornal mostrou como o funk influenciou a comunidade do Morro da Tuca: as músicas trouxeram novas representações sobre a população, de modo que a música passou a ser uma formadora de consciência crítica na região.

Espaço de diálogo e aprendizado

FLÁVIO DUTRA/JU/ARQUIVO 28/11/2011



A oportunidade de trabalhar na redação de um veículo impresso é oferecida aos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) desde a criação do Jornal da Universidade (JU), em setembro de 1997. A proposta, mais do que um modo de aprimorar a prática profissional pela inserção de alunos em um ambiente de redação, significou a abertura de um espaço para o aprendizado e de um canal de diálogo entre os veículos de comunicação da Universidade e a Fabico. Quando a Secretaria de Comunicação (Secom) foi instituída, no final de 2004, cresceram-se os investimentos na produção “da casa”. Nesse contexto, a ampliação das bolsas para estudantes representou uma transformação do ambiente de trabalho, com a adaptação da equipe de profissionais a fim de orientar adequadamente os futuros jornalistas. Desde então, dezenas de estudantes frequentaram a redação do JU como bolsistas. Para marcar duas décadas de existência, o JU buscou os relatos de alguns deles.

Diego Mandarinino – O repórter da Rádio Gaúcha Serra foi bolsista do JU em 2010, período que enriqueceu sua formação em questões como avaliação de pauta, além da experiência de vida. Diego resalta a produção das matérias em si, a rotina de trabalho e a troca de ideias com os colegas: “Lembro que a editora queria abordar as saídas de campo realizadas por alguns cursos da UFRGS. Por conta disso, viajei com uma turma da Engenharia Ambiental ao Litoral Norte gaúcho para tratar do desenvolvimento da agricultura orgânica por lá. Isso me deu um baita aprendizado de campo, ao mesmo tempo em que exerci na prática a reportagem. Aprendi sobre pesquisas em agricultura orgânica, ganhei uma viagem àquela região do estado e convivi com pessoas de outras áreas de formação. Isso me enriqueceu muito”.

Ao avaliar como esse período contribuiu para formar o profissional que é hoje, diz que o JU o auxiliou a pensar mais a fundo cada pauta, “o que colaborou na minha formação para trabalhar em qualquer veículo, inclusive os de hard news como o rádio”. Outro ponto ressaltado por Diego foi o convívio com a equipe e os demais bolsistas: “Eram pessoas com diferentes repertórios, visões de mundo e visões profissionais que no dia a dia foram agregando à minha formação”, conclui.

Luciane Costa – *Vivendo de Freela* é o nome do projeto criado no tempo em que Luciane, ex-bolsista do JU em 2009, vivia como jornalista freelancer. “Este é meu xodó”, afirma, admitindo que a formação na área a ajudou a tornar-se uma profissional de marketing com um olhar mais curioso e ao mesmo tempo mais humano. Hoje, na maior parte do tempo, ela trabalha como líder de marketing digital em uma agência de São Paulo.

“É muito raro ter a oportunidade de trabalhar as pautas com tempo, trocar ideias com os colegas, ir no detalhe do texto, passar uma tarde inteira conversando com uma fonte. No meu ano de JU, nós tínhamos isso, trocávamos experiência, fazíamos pauta em dupla, aprendíamos um com o outro. Depois, fui para o Jornal do Comércio e ouvi muito ‘agora você vai ver o que é a vida de redação’, mas agradeço pela oportunidade de aprofundar de verdade os temas que trabalhei. Além disso, tínhamos muita liberdade para escrever sobre o que gostávamos”. Ela recorda de algumas pautas com carinho: uma sobre intercâmbio, outra a respeito da Bienal, realizada em colaboração com um colega bolsista e outra ainda tratando da propaganda para o público infantil. Luciane diz que os tempos como bolsista lhe permitiram viver realmente a experiência de universidade. “Além do mundinho da Fabico, conheci os outros campi e fiquei sabendo de iniciativas que nem imaginava. Tenho saudades da equipe: éramos quatro bolsistas e ficamos muito amigos. Dez anos depois, falo com alguns frequentemente e troco angústias da vida profissional. São pessoas de quem guardo um grande carinho”, acrescenta.

Cadu Caldas – O colunista e repórter de economia de Zero Hora já havia trabalhado por dois anos na editoria de cultura do Jornal do Comércio, quando tornou-se bolsista no JU. Ele estava no 7.º semestre de Jornalismo e gostava do fato de o jornal ser standard – uma raridade no cenário impresso local – o que permitia a produção de longos textos e maior prática da escrita. “A equipe é muito qualificada, todos têm mestrado ou doutorado, mantendo um contato com a academia que o pessoal de redação geralmente não têm. Isso é uma experiência pela qual eu queria passar e sabia que só aconteceria na universidade. Além disso, confiavam muito na gente, auxiliando na criação dos textos: como fazer uma retranca, como fazer para o texto não ficar

maçante. Aprendi muitas técnicas de narrativa no Jornal da Universidade.” Embora não tenha sido seu primeiro trabalho em redação, Cadu acredita que a experiência permitiu o aprimoramento de sua formação.

Dalva Bavaresco – A repórter da TVE recorda o sentimento de orgulho ao ver o seu nome impresso pela primeira vez nas páginas do JU em 2005. “Lembro inclusive de uma ocasião em que visitei a colônia de férias da UFRGS em Tramandaí para falar sobre os serviços oferecidos, funcionamento, quem frequentava... Fiquei empolgadíssima, não apenas pela possibilidade de ver minha matéria impressa, mas também porque foi a segunda vez que pude ir à praia!”

Dalva observa que o trabalho como bolsista foi sua primeira oportunidade para exercitar o jornalismo de fato. “Contribuí para me dar experiência, me fez descobrir coisas novas, entender os desafios da reportagem e conhecer pessoas incríveis, com quem aprendi muito! Quase tudo era novidade! Não conhecia nem Porto Alegre nem a UFRGS direito. Só de ouvir as conversas do setor para mim já era aprendizado. A equipe ajudava os bolsistas a questionar, a problematizar os assuntos, exercitar o pensamento crítico”, descreve.

Rafael Glória – O editor e fundador do site Nonada – Jornalismo Travessia (www.nonada.com.br) – atuou como bolsista do JU entre 2008 e 2009. Então estudante do 4.º semestre do curso de Jornalismo da Fabico, ele havia realizado trabalho voluntário na Rádio da Universidade e mostrava interesse pela área da cultura. Tanto que sua primeira pauta foi uma matéria sobre os 25 anos de estreia da peça Bailei na Curva. “Eu me empolguei com aquele desafio, o que ajudou a confirmar minha vontade de trabalhar nessa área. Já gostava de escrever, e no JU havia bastante espaço para isso. As reportagens tinham um tratamento mais aprofundado, e pude desenvolver minha escrita”, comenta, acrescentando que a parceria e a orientação da equipe da redação colaboraram para o seu crescimento.

Após a conclusão do período da bolsa, Rafael fez um estágio no Jornal do Comércio e, já graduado, produziu matérias para o diário como freelancer. Há sete anos, coordena o coletivo de jornalismo cultural que já foi premiado pelo Ministério da Cultura e a Associação Riograndense de Imprensa.

Um lugar para polêmicas

Maria Helena Weber, professora do departamento de Comunicação da UFRGS, relembra com orgulho o processo de discussões sobre comunicação que culminou na criação do *Jornal da Universidade* (JU). No ano de 1997, ela ocupava a Coordenadoria de Comunicação, a convite da reitora Wrana Panizzi (1996 a 2004). Em sua visão, o fato de o JU ter atravessado esses 20 anos de existência é um indicativo de qualidade e contribuição à comunicação pública.

Como se dá a criação do Jornal da Universidade?

A professora Wrana Panizzi, quando tomou posse, me chamou para fazermos um projeto de comunicação. Era uma assessoria de comunicação que não seria do gabinete, mas da Universidade. Nessa perspectiva, reunimos um grupo grande de técnicos, professores, estudantes e começamos a pensar como fazer isso, e um dos produtos desse processo era uma mídia. Então começamos a pensar um projeto de jornal que fosse autônomo, que não seria do gabinete da Reitoria, que seria mais ativo. Chamamos o Aníbal Bendati para fazer o projeto gráfico. Para a redação, convidamos “os velhos”, como a gente dizia: o Ademar de Freitas, o Clóvis Ott, um excelente jornalista já falecido, que foi editor do JU, a Vera Spolidoro, que também trabalhou na edição. Nessa época da Wrana, foi criado esse lugar de destaque para a comunicação.

O JU ganhou vários prêmios, porque a ideia era fazer um jornalismo que não fosse simplesmente a divulgação da Universidade, mas cumpriria o papel que ela precisa

cumprir: mostrar coisas novas, interferir, opinar. Durante algum tempo ele foi assim. E adquiriu força: existem histórias de que um pessoal do MEC em Brasília – governo Fernando Henrique – se queixava: “como é que a Universidade tem um jornal desse tipo?”. Ele era crítico, interessante, e passou a ser procurado em Porto Alegre. Nesse sentido, ele cresceu e foi um jornal bem importante, com um texto excelente, valorizava as pessoas vinculadas à UFRGS com o *Perfil*. Funcionava bem como uma redação de jornal mesmo. É claro que tivemos muitas discussões com o gabinete, eu é que me incomodava, na verdade, não deixava que o pessoal do JU tivesse contato direto, para preservá-los. Eu saio e o Jornal vai se tornando, digamos, mais institucional.

O JU era uma das peças da engrenagem do sistema de comunicação e acabou sendo o veículo de maior visibilidade. Na época, houve uma discussão sobre duas coisas que foram bem marcantes em função do grande debate que houve na comissão. Uma dizia respeito às dimensões: todo mundo achava que devia ser no formato de um tabloide – o Bendati considerava que esse era o formato consagrado no RS. O professor Sérgio Rosa fez a grande defesa de um jornal padrão [standard]. Discutimos muito, e essa ideia acabou ganhando. A outra coisa é em relação ao nome. O projeto de comunicação nos levava a uma valorização da UFRGS como tal, e a reitora tinha essa bandeira de uma Universidade de qualidade. Isso conduziu à ideia de que não era qualquer universidade, era “a” universidade, ou seja, é como se houvesse apenas uma; esse foi o

conceito que segurou o nome. Não era um jornal de universidade, mas a ideia de que ele fosse da grande universidade.

Como era a relação com a reitoria? Havia algum tipo de interferência?

As indicações que a reitora ou os pró-reitores podiam vir a fazer eram algo absolutamente normal. Nos meus dois anos, durante a implantação, não vivemos nenhum tipo de imposição; mas, como eu digo, era uma batalha, e nós ganhávamos 90% delas. Os embates vividos no JU, para mim, são naturais. Toda instituição quer um jornal que seja dela. Mas o gabinete nunca derrubou uma matéria, como se diz no jornalismo. Ficávamos lá insistindo, argumentando até que saísse. Até atrasamos edições por conta disso. Então, a Wrana tinha isto: quando tu convencias, quando tinhas um argumento, ela aceitava. Ela conhecia a pauta, mas o jornal tinha autonomia. Algumas coisas que eu compreendia que eram mais polêmicas, eu já levava pra ela, mas não éramos censurados pelo gabinete, não é o caso de que o gabinete lia as matérias para aprová-las. Isso não havia.

Como o jornal se encaixa no contexto da comunicação pública?

Quando se valoriza o jornal de uma universidade pública, está-se valorizando aquilo que a instituição tem a obrigação de fazer; porém, são poucas as que fazem isso. Essa comunicação significa que ela não só valoriza, digamos, a função que tem em termos de pesquisa e ensino, mas também o investimento que vem. Na universidade, tem-se

o debate público, que é uma das sínteses, digamos, do que seria a comunicação pública; todos os temas estão sendo debatidos aqui. A gente se reunia para fazer a pauta – eu participava também –, e um dos tópicos era este: o que temos hoje?, sobre o que podemos opinar?, levando em consideração que a opinião que se faz aqui dentro tem uma liberdade que não existe em nenhum outro veículo. Podemos discutir a questão do cigarro, que nenhum jornal publicava – aquela famosa matéria [Estado investe na indústria da morte, de novembro de 1997] que foi premiada e acabou noticiada no Jornal do Brasil. Enfim, na universidade podemos falar de religião, aborto, eutanásia, questões políticas e sociais. A ideia era que o JU traduzisse isso, que fosse polêmico. E acho que foi durante determinado tempo.

Quais são os limites entre a promoção do debate público e da transparência de uma instituição e a preservação dessa instituição?

Se estamos falando em comunicação pública, falamos daquilo que entra em debate. Portanto, uma universidade que tem ocupações [de estudantes] durante 60 dias e o seu jornal não tem uma edição especial sobre isso, então temos a morte do jornalismo, isso significa que se está trabalhando com jornalismo institucional, e não um jornalismo que responde ao público. A credibilidade do jornal entra em risco quando não noticia o fato mais importante que naquele momento está acontecendo. Tem uma parte da história da UFRGS que não foi registrada.

FLÁVIO DUTRA/JU



“A ideia era fazer um jornalismo que não fosse simplesmente a divulgação da Universidade, mas cumpriria o papel que ela precisa cumprir: mostrar coisas novas, interferir, opinar.”

Maria Helena Weber



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
André Iribure Rodrigues
Vice-secretária de Comunicação Social
Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial

Alex Niche Teixeira, Ánia Chala, Angela Terezinha de Souza Wyse, Antonio Marcos Vieira Sanseverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golin, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberson de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer

Editor Everton Cardoso

Subeditora Jacira Cabral da Silveira

Repórteres Ánia Chala, Felipe Ewald, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein

Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)

Diagramação Felipe Drenkmann Hackner

Editor de fotografia Flávio Dutra

Revisão Felipe Raskin Cardon

Bolsistas (Jornalismo) Camila Souza, Cássia de Oliveira, Paula Barcellos e Vanessa Petuco

Circulação Cristiane Lipp Heidrich

Fotólitos e Impressão Gráfica da UFRGS

Tiragem 16 mil exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.

[jornaldaufrgs](#)
 [jornaldaufrgs](#)
 [jornaldaufrgs](#)